

Contribuição a uma teoria psicanalítica da mentira

Antonino Ferro¹, Pávia
Giovanni G. Stella², Milão

A mentira, aspecto pouco edificante do psiquismo e tremendo obstáculo ao tratamento, também é, simultaneamente, uma capacidade psicológica à procura de um pensador. Um refúgio da mente. Uma função mental com um gradiente. Um elemento de vitalidade psíquica (Ogden). Uma possível conquista da análise.

Palavras-chave: Homo fraudolens; Polissemia da mentira; Ogden; Winnicott; Bion; Mentira como baluarte antidepressivo; Degeneração da verdade; Técnicas da mentira; Função reparativa da mentira

¹ Psicanalista. Membro com funções didáticas e último presidente da Sociedade Psicanalítica da Itália (SPI), membro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e da Associação Psicanalítica Americana (APsAA), presidente do Centro Pavese de Psicanálise.

² Psicanalista. Membro associado da Sociedade Psicanalítica da Itália (SPI), da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e do Centro Pavese de Psicanálise (CPP).

Homo sum, humani nihil a me alienum puto
(Publio Terenzio Afro, Il punitore di se stesso,
165 a.c.).

Como psicanalistas, embora tenhamos o dever de sempre prestar muita atenção antes de fazer conjecturas de caráter geral, ainda mais se dizem respeito a fenômenos sociais por definição *fora do campo*, estaríamos quase tentados a dizer que vivemos em uma época de particular recrudescimento da mentira. Ao menos de um especial interesse por ela: fala-se de mentira por toda parte, em primeiro lugar sob a etiqueta, muito na moda ainda que bastante superficial, de *fake news*. Toda *new* tem, de fato, a potencialidade de ser *fake*. Portanto, as *fake news* são como o absoluto de Shelling nas palavras de Hegel: *a noite em que todas as vacas são pretas!* Todos acusam todos de mentir: o líder político acusa o jornalista, que parte para o contra-ataque. O sindicalista acusa o governo de mentir e, depois, é pago na mesma moeda. Não raramente, o censor de *fake news* possui todo o ar de ser um profissional em *fake news*. Sentimo-nos com frequência imersos em uma mentira social, cultural e política, particularmente generalizada, defendida sem escrúpulos, quando não até mesmo celebrada, disfarçada de verdade incontestável e absoluta. Graças a essa recrudescente mentira basilar, assistimos consternados ou perplexos, enraivecidos ou impotentes, ao reaparecimento cotidiano *urbis et orbis* de formas às vezes explícitas, outras mais dissimuladas, de ideologias que, por duas ou três gerações, tínhamos a ilusão de ter debelado: o fascismo, o racismo, a xenofobia, o totalitarismo, o fundamentalismo religioso e a intolerância. Verdade e liberdade, eis outra bela dupla de conceitos cuja relação não é assim tão óbvia e que tínhamos dado por líquida e certa (por exemplo, justiça social, direito de asilo, liberdade de pesquisa, de expressão e de imprensa, liberdade de escolha, de comportamento sexual e de estilo de vida, liberdade de pensar, criticar e satirizar), e que agora parecem terminar no triturador da estupidez e da indiferença, ou do interesse pessoal e do controle social, substituídas por mentiras, às vezes clamorosas, travestidas de verdade. Esse nosso sentirmo-nos vítimas, em vários níveis, de falsidades mais ou menos generalizadas, não nos exime de perguntarmo-nos se também não é nossa a mentira em que chafurdamos ou da qual procuramos nos defender, permanecendo, mesmo assim, enlameados. Somos uma espécie que mente, às vezes com mais sucesso e, em outros casos, em prejuízo próprio: *homo fraudolens*, que *sapiens* que nada! Precisamos da mentira para viver e para sobreviver, e somos obrigados, contra a nossa vontade (essa é a nossa tese), a colocá-la em prática conosco mesmo e na relação com os nossos semelhantes – até mesmo nas relações mais íntimas.

Podemos tentar nos eximir da mentira (mentindo) ou nos queixarmos dela, mas, de qualquer maneira, precisamos lidar com a mentira continuamente, como indivíduos e como analistas. Até aqui, talvez, quase todos nós poderíamos estar de acordo. No entanto, como lidar com a mentira?

Antes de mais nada, invertendo (ao menos em parte) a perspectiva, revendo o nosso preconceito radical para considerar a mentira não apenas como um aspecto pouco edificante da nossa humanidade ou como mal que nos oprime e que, como analistas, temos o dever nada fácil de enfrentar, de conter ou, mais ambiciosamente ainda, de tratar, quando se manifesta como radical obstáculo no tratamento. Mais ou menos como deveria fazer o ecologista com os efeitos desagradáveis e inegavelmente nefastos da poluição e do aquecimento global, com frequência redimensionados ou negados. Porém, a tarefa do analista não termina aqui. Ao contrário do ecologista, que tem o dever exclusivo de nos fazer refletir sobre o risco de extinção que corremos se continuarmos a explorar dessa maneira o nosso pobre planeta, o analista deveria procurar uma compreensão sistemática acerca de outro aspecto da mentira, qual seja, a sua capacidade de constituir, talvez de forma não tão rara, em nós mesmos e nos nossos pacientes, um recurso, uma capacidade psicológica à qual podemos proveitosamente recorrer, quando necessário, para tentarmos nos livrar de situações desagradáveis ou até mesmo, em algumas circunstâncias, um fator que nos ajuda a enfrentar estados emocionais e dores de voltagem insuportável. Poderíamos, assim, reconhecer na mentira uma instância que, às vezes, salva a nossa vida.

Se Ogden, em um artigo recente (2014) no qual fala a respeito da longa análise de L., chega não só a pensar como também a dizer para a paciente (estupefata e receosa de que o seu analista queira zombar dela) que acha que seu comportamento de caçadora em relação aos homens por quem se apaixona, paixão esta sistematicamente não correspondida (algo que, em uma ótica objetiva observativa, poderíamos considerar não uma mentira, mas, sim, um delírio), representa *a sua parte mais sã*, sentimo-nos menos sós na (ponderada) reabilitação da mentira que fazemos em relação à sua ficha criminal tão pesada.

Poderíamos ser tentados a fazer com a mentira (além de propor considerações sociológicas pouco embasadas, dada a particularidade do nosso observatório profissional) aquilo que o *mainstream* psicanalítico fez algumas vezes com outros fenômenos psíquicos impenetráveis e intrincados, inquietantes e perturbadores, tais como a agressividade, a raiva, o narcisismo, os impulsos poligâmicos. Vale dizer, poderíamos objetivar a mentira, evitando refletir sobre as suas origens e funções, e sobretudo, sendo a psicanálise não uma ciência natural, mas uma ciência dos significados (subjettivos, *a posteriori* e não *a priori*, relativos, não fornecidos de

antemão, incrustados como as estrelas fixas da astronomia ptolemaica no mundo platônico das ideias), evitando refletir sobre a sua polissemia. Em uma psicanálise do comportamento (como no título de uma coletânea de ensaios do pioneiro Sandor Rado, 1956) ou em uma psicanálise muito ancorada na observação, que é sempre bastante ilusória, a mentira de L. constituiria simplesmente aquilo que aparece, ou seja, algo com o qual a paciente deveria ser confrontada como no início Ogden também é tentado a fazer, com pouquíssimo sucesso e certa frustração!

Todos nós mentimos, mesmo com intensidade e frequência variáveis. No entanto, as razões do nosso mentir podem ser muito diferentes. No nosso trabalho, debruçamo-nos sobre essa diversidade de razões e sobre a verdade fascinante das expressões e das *técnicas* através das quais a mentira toma forma.

São três os âmbitos principais em que podemos entender a mentira como obstáculo à conscientização e como baluarte antidepressivo e sofisticado estratagema antissuperegóico, reiterando, mais uma vez, todos os cuidados possíveis que limitam a generalização das nossas conjecturas: 1) a vida (a nossa e a de quem nos rodeia, os ambientes sociais restritos ou amplos onde nos movimentamos); 2) a clínica (nos pacientes que vemos na análise e na psicoterapia, assim como em nós mesmos, como coprotagonistas e coatores desse trabalho clínico); 3) a literatura.

Podemos aqui somente aludir ao terceiro âmbito, ao qual dedicamos especial atenção em outra oportunidade (*True Lies*, 2019). De Homero, com *Odisseu* ao grande e lírico soldado Arquíloco (no famoso fragmento número cinco do escudo, que ele abandonou no campo de batalha para salvar a própria vida: *um dos Saíos vangloria-se do meu escudo...*) (Quasimodo, 1944). Dos ilustres poetas da Idade Média, podemos lembrar de Dante Alighieri (1315) (que, no mesmo processo imaginário, com certeza representariam a defesa: todos condenados e encabeçados pelo amado Ulisses, *a ponta maior da chama antiga*, entre os conselheiros fraudulentos) a Giovanni Boccaccio (1349-1351) e Geoffrey Chaucer (que, seguindo no mesmo processo imaginário, com certeza representariam a defesa: o Decameron é, de fato, uma inigualável apologia da mentira, do engano e da vitalidade em função antidepressiva. O mesmo pode ser dito a respeito de *Contos de Canterbury*, 1387). Em todos os principais períodos da civilização ocidental (não temos competência para dizer se o mesmo pode ser observado também em outras civilizações), a mentira encontrou, entre poetas e literatos, entre filósofos e homens de teatro, entre detratores e defensores, a documentação incontestável da ambiguidade e complexidade do fenômeno. Alguns mentirosos mostraram-se personagens de tal complexidade que, durante séculos, confundiram as mentes e as penas de escritores ilustres. Para nós, o caso mais emblemático é Don Giovanni, alguém que é divertido definir, mais ainda do que a sua encarnação histórica em

Giacomo Casanova, como *anárquico afetivo*: de Molière (1665) a Mozart/Da Ponte, de Goldoni à Pushkin, de Kierkegaard a Shaw e a Richard Strauss, todos são exemplos de que podemos encontrar, se tivermos a paciência e o interesse de pesquisar, um verdadeiro exército de autores tentando enquadrá-lo (muitas vezes sendo vítimas do moralismo), naturalmente sem consegui-lo, na nossa opinião. Não conseguem nem quando se aproximam por assíndeto, como fez um dos maiores gênios da Humanidade: Wolfgang Amadeus Mozart.

São mentirosos inesquecíveis, de diferentes formas, Tom Sawyer (com Huck Finn, filho da pena caprichosa e da mente excêntrica e viajante, *em busca de encrenca*, de Marc Twain) e o jovem Holden (de Salinger, 1951); mais alegre o primeiro, muito mais melancólico o segundo.

Da mesma forma, não podemos deixar de citar uma grande e perversa mentirosa, a Milady de Dumas (1844), protótipo e insuperável referência para numerosas espãs da literatura e do cinema.

O teatro de Luigi Pirandello pode ser considerado (ou ao menos esta é a nossa tese amadorística, eis que não somos críticos profissionais) uma variação sobre o tema da mentira e da verdade, da nossa trágica necessidade de ambas e das degenerações a que elas podem nos conduzir quando, de alguma forma, não estão misturadas e em equilíbrio: o severíssimo Vitangelo Moscarda (Pirandello, 1905) é um exemplo, a seu modo brilhante, de como a procura da verdade pode, muitas vezes, conduzir ao caminho da loucura. O desejo de Mattia Pascal (Pirandello, 1925) de dizer *muitas e grandes mentiras* é a contraparte do excessivamente íntegro Vitangelo.

O tema da mentira, por exemplo, não exclusivamente do ponto de vista da dificuldade de perceber e distinguir o verdadeiro do falso, é fundamental na história do cinema, desde Kurosawa a Fellini (1962), de Eastwood a Allen (2005). Isso é o suficiente.

Quanto ao segundo âmbito em que a mentira continuamente se expressa, a nossa vida e a dos que nos rodeiam, seremos ainda mais lacônicos. Não diremos nada, permitindo a cada um o prazer de interrogar-se a esse propósito e de fazer as suas próprias descobertas (deixando ainda que pense, se quiser, no último congresso profissional do qual participou).

Vamos, então, ao âmbito clínico e psicanalítico que mais nos caracteriza e o único que, no fundo, nos permite realizar inferências e elaborar conjecturas.

Na nossa opinião, elaborações teóricas propriamente ditas da mentira não se fazem presentes no pensamento dos nossos maiores colegas e antecessores. No entanto, como mostramos em *True Lies*, existem muitos pontos de partida e elaborações teóricas implícitas. O primeiro a falar de um *impostor*, o senhor N.,

foi (ao que sabemos) Karl Abraham (1925). Em um trabalho bastante sofisticado para a época, antecipando os teóricos das relações de objeto, Abraham reconduzia a mentira à *deprivação de amor*. Com uma pitada de imaginação e de espírito dedutivo, com certeza podem ser inferidas as posições dos principais psicanalistas, desde Freud até os contemporâneos, sobre a questão da mentira e da verdade. Em *True Lies*, concentramo-nos em algumas posições implícitas: o iluminista/romântico Freud, o divergente Ferenczi, o original Winnicott, o controvertido Kohut, o louco Bion e o integrado Steiner (1993). Contudo, cada pessoa poderia elaborar uma lista diferente ou mais completa (de adjetivos qualificativos também).

A nosso ver, a teoria implícita mais promissora é a bioniana. Na parábola dos mentirosos, Bion (1970) chega a dizer que, se não fossem certos mentirosos muito hábeis, a Humanidade teria sido vítima dos cientistas e do cienticismo. Trata-se de uma posição bastante clara. Pelo menos para nós, sem Bion (e sem Winnicott), seria realmente muito difícil escrever uma contribuição para uma teoria psicanalítica da mentira. Sem uma referência forte a conceitos como função alfa, continente e contido, *reverie*, elementos alfa e beta, transformações em O, etc., não teríamos de forma alguma conseguido contribuir a respeito do tema. Por sua vez, Winnicott é indispensável por dois motivos: a importância que concede ao paradoxo e à crítica elegante (com aquele seu modo de falar leve e franco em primeira pessoa, que Ogden (2016) oportunamente define como *Whimsical*, ou seja, original) e, talvez também por isso, essencial, que faz ao valor da interpretação, o fuzil Garand do psicanalista, a qual absolutamente não deve ser usada como um fuzil e que tantas vezes, apesar das melhores intenções do analista, impede o paciente de entender as coisas por si, no seu tempo e nas doses mais convenientes para ele. A Winnicott também devemos uma visão divertida e não fúnebre da análise (a ser integrada possivelmente com a visão mais sulfúrea de Bion).

Uma das teses do nosso *True Lies* é que

se possa imaginar um gradiente da mentira que vai de uma polaridade positiva evolutiva de uma mentira amena, na fronteira com a argúcia e a inteligência, proferida alegremente e com elegância, até uma polaridade negativa de utilização obrigatória, generalizada, indiferenciada, crescente e, sobretudo, hostil, destrutiva e autodestrutiva (Stella & Ferro, 2019, p. 38).

Nesse sentido, não seria necessariamente uma prova de loucura se pensássemos na capacidade de mentir como uma possível conquista da análise. Se uma paciente obsessiva e deprimida consegue enfim dizer, no final da análise, depois de ter implacavelmente navegado por décadas no mar da verdade, como a nossa

Federica em *True Lies*, uma pequeníssima mentira, como poderia o analista não a acolher, ao menos dentro de si, com prazer ou até mesmo com orgulho? Quando o nosso filho nos conta, com visível satisfação, as suas primeiras bravatas, devemos imediatamente mandá-lo para um colega especialista em crianças e adolescentes?

Então, trocando em miúdos, existe mentira e mentira!

Como não queremos sugerir ao leitor que, por acreditarmos em uma psicanálise criativa, aberta e divertida (e também um pouco subversiva e não politicamente correta demais!), consideramos o nosso trabalho uma tarefa muito fácil, apressamo-nos a acrescentar que trabalhar com a mentira, principalmente aquela mais grave e envolvente, pode ser algo fascinante, mas também é difícil, pesado e frustrante. Como no caso de Caterina (a nossa paciente alfa, que inicialmente mais nos obrigou a refletir sobre a questão da mentira), trata-se de resistir a rios de projeções e ao caráter magmático e vago das comunicações na análise, permanecendo por longo tempo em uma condição de relativa impotência e silêncio na qual são fundamentais, para a sobrevivência do analista e do tratamento, tanto a capacidade negativa – Bion – e/ou a paciência – Winnicott –, quanto a capacidade de continuar a refletir, na sessão e depois dela. No caso citado, trata-se da capacidade do analista de imaginar um catálogo *privado* (no duplo sentido de *não restituído à paciente e leve*, sem demasiadas pretensões generalizantes) das formas com que a paciente mentia, ou seja, das suas técnicas, entre as quais podemos citar a reticência, a postergação, a atenuação e o mascaramento confuso das comunicações, o *photoshop*, entre outras (cf. *True lies*, 2019 e *Pinnocchio ne dîtes pas de mensonges*, 2015). Ao refletir sobre esses aspectos, o analista fazia três coisas: permanecia vivo, mantinha um contato com a paciente naquele momento, de outro modo inacessível, e valorizava de alguma forma a sua inventividade e criatividade, evitando tornar-se, inutilmente, o censor. Fazia o censo sem tornar-se censório!

O recurso precoce e massivo à interpretação não faria sentido (admitindo que já tenha sido feito) com esses pacientes que não possuem, ao menos no início da análise, qualquer capacidade de livre associação, não são capazes de compreender e aplicar a regra fundamental e nem ao menos estão em vias de fazer aquele banho que os aproximará *nadando* (Ferro, 2014) ao momento em que poderão, finalmente, perceber o sentido de tal regra. Da mesma forma, não são capazes de sonhar. Com tais pacientes, de maneira particular (mas talvez sempre), a análise precisa configurar-se como um processo no qual o ideal regulador kantiano, a aspiração nunca alcançada, seja constituído pelo desenvolvimento, no sentido bioniano, dos aparatos mentais que possibilitam pensar e, especialmente, permitam elaborar os elementos emocionais e protoemocionais não digeridos e indigestos que saturam e

bloqueiam a mente e a vida. Embora o conceito de protoemoção tenha sido bastante criticado por muitos, inclusive por Otto Kernberg em um trabalho recente (2011) no qual ele enfatiza o caráter altamente estruturado e organizado das emoções mesmo no *newborn*, seria natural replicarmos que as emoções, em diferentes graus de refinamento/estruturação possíveis de serem constatados em uma análise, não são as mesmas que a *infant research* constata ou acredita constatar na observação experimental ou quase experimental de uma criança!

Citamo-nos (em 1800, na Itália, se dizia *emprestamo-nos*) novamente de *True lies*:

[...] um paciente que começa uma análise, por mais preparado que seja, em geral não possui esses sofisticados ‘aparatos para pensar’ e metabolizar as emoções que a análise poderá, quem sabe, mas não necessariamente, ajudá-lo a desenvolver. O analista, se se desviar por um momento do seu papel de médico e de sujeito de suposto saber, também se encontra em uma situação igualmente incômoda. Não sabe nada de nada a respeito do paciente e compartilha com ele o pavor do encontro. Poucos analistas foram tão claros quanto Bion ao dizer isso. Muitas vezes, o mentiroso sabe que é um paciente grave: tanto no sentido da gravidade da mentira, pervasividade, sistematicidade, seu uso forçoso e implacável quanto no sentido da gravidade, profundidade, inacessibilidade das problemáticas subjacentes, e, enfim, no sentido da deficietriedade e imaturidade do ‘continente’ mental, do aparelho para pensar (Stella & Ferro, 2019, p.41).

Acreditamos que a mentira seja uma espécie de defesa, de reação imunológica a qual recorremos para nos defender de algo que excede a nossa atual capacidade de contenção, de domínio consciente e de metabolização inconsciente. Não consideramos que a mentira seja – real ou totalmente – um fenômeno intencional. Em outros termos e com outra linguagem, podemos pensar que uma das funções essenciais da mentira é a de controlar as pressões emocionais. Imaginamos, assim, uma função homeostática da mentira semelhante àquela da válvula das panelas de pressão que usamos (ou melhor, usávamos) na cozinha.

Esse algo que excede, como explicamos em *True lies*, geralmente faz parte de três categorias principais: 1) emoções violentas (Civitarese, 2011) e não digeridas (Ferro, 2013); 2) desejos desconhecidos, negados e inomináveis. Isto ocorre, por exemplo, como em um caso (o *mentiroso por amor*) que apresentamos em *True lies*, qual seja, o desejo de ser amado por aquilo que se é mesmo sem se sentir digno disso, gerando o recurso contínuo a um avatar muscular que defende o paciente da

sensação de ser um perdedor e do temor de ser percebido como tal. Justamente por isso, ao final da sessão, a manifestação do analista será voltada a uma valorização da defesa, isto é, à capacidade do paciente de ser (graças à sua mentira Avatar absolutamente inominável) um bom advogado de si mesmo: o paciente perdedor que se apresenta como uma espécie de James Bond, de agente secreto incógnito, cheio de mulheres, e é, na verdade, um pequeno advogado de província, apavorado com a ideia de ser abandonado pela mulher. Em outras vezes, o desejo negado e inominável refere-se a uma intimidade sentida como impossível ou como um cabresto, algo que obriga Gugu a comportar-se como Popeye! Aqui também não faria nenhum sentido interpretar para o paciente “você banca o Popeye porque se sente um gugu (*pisellino*)³”. Se o fizéssemos, estaríamos nos comportando como a prostituta, pouco recomendável, que tinha iniciado a vida sexual desse paciente afirmando que o dele era tão pequeno que precisaria de um *reductor vaginal*. Por fim, 3) terrores e angústias superegógicas que limitam a liberdade mental. A perniciosidade das identificações e das defesas/resistências superegógicas e a dificuldade do paciente de abandoná-las, e do analista de modificá-las, é coisa bem sabida. Ao contrário, talvez seja menos óbvio pensar em quantas vezes o recurso à mentira/defesa constitui uma tentativa, a qual deve ser respeitada e valorizada, de arejar um pouco as identificações opressivas e pouco sustentáveis. A paciente L. de Ogden conseguiu admitir, depois de uma intervenção de desbloqueio do analista, que se envergonhava muito por se comportar como uma caçadora com os homens pelos quais se apaixonava e não era correspondida. Entretanto, a mentira/ilusão que algum deles possa efetivamente estar interessado nela representava o motor e a esperança da sua vida e da análise. Não é difícil entrever, por trás da vergonha, poderosas identificações e aspectos superegógicos (além de possíveis aspectos traumáticos de fundo, aludidos por Ogden, que seriam, nesse caso, a depressão materna e o abandono paterno).

Eis outro motivo pelo qual o analista não deve se obstinar na defesa, disparando interpretações em rajadas: o que ele deve, principalmente, é dedicar-se aos conteúdos emocionais “que a mentira contém e camufla, oculta e sutura, e ao desenvolvimento do aparato para poder pensá-los” (Stella & Ferro, 2019, p. 42). Em outros termos, deve reconhecer a função reparadora e suturante da mentira, favorecendo o desenvolvimento de novos e atualizados métodos de suturação das feridas psíquicas.

³ N.T.: Aqui existe um jogo de palavras irreproduzível em português. Em italiano, o personagem Gugu é denominado *Pisellino*. Ocorre que, na linguagem infantil, *pisellino* (nessa passagem propositalmente escrito com letra minúscula) também indica o órgão masculino, algo equivalente a *tiquinho* ou *pintinho*, em português.

Contudo, o que fazer para entrar no mundo da mentira? Um primeiro e imprescindível passo consiste

em interessar-nos por ela, pelos personagens que ela incessantemente gera no campo analítico: por exemplo, através da contínua projeção de partes de Si que são negadas, cindidas e projetadas nos mais diversos suportes (naturalmente também no analista). Antes de poder se aproximar das mentiras autóctones, Caterina passará por uma longa fase na qual falará das mentiras das amigas. Antes de falar da sua persecutoriedade, falará do seu principal persecutor, etc. (*Ibid.*, p. 42).

Só podemos tentar entender o mentiroso se pensarmos no *casting* (vítimas, cúmplices, persecutores) que ele/ela inventa para recrutar atores, coadjuvantes e não protagonistas, capazes de representar, em seu nome, um mundo inteiro “de outra forma não passível de representação”. (*Ibid.*, p. 43).

O interesse pelo teatro da mentira talvez possa nos amparar até

surgir no paciente alguma consciência do sofrimento que foi compreensivelmente negado (devido à sua dramaticidade) e parcialmente evitado (uma vez que o evitar produz, a longo prazo, um sofrimento maior do que aquele que se espera evitar) por meio da mentira e da projeção incessante e sistemática (*Ibid.*, p. 43).

O nosso interesse não judicante talvez possa nos amparar à espera de que o paciente imagine uma alternativa para a mentira sentida como praticável e sustentável, dando assim lugar aos desejos negados (de intimidade, de amor, etc), despotencializando e reformulando as pretensões superegóicas com uma adequada negociação ao mesmo tempo em que aprende, por si mesmo e com a ajuda do analista, a nomear aquilo que sente e, em primeiro lugar, a sentir alguma coisa (realizando um trabalho nas alfa privativas que geram alexitimia, alexia e anedonia). Marco consegue libertar-se da tirania de Vanessa somente quando reconhece o caráter absoluto da necessidade e da dependência dela e, logo depois, com outro trabalho para saber quais foram os custos dessa dependência, bem como a idealização e a cegueira em relação a ela e às suas mentiras. A análise passa através do reconhecimento de duas formas de mentira: as mentiras de Vanessa (em relação às quais Marco é, a princípio, totalmente cego) e as mentiras de Marco (principalmente a idealização).

Essenciais no processo de atravessamento da mentira são as transformações

em sonho e em brincadeira. Em muitas ocasiões, os momentos de reviravolta de uma análise estão nos sonhos do paciente e do analista, como ilustramos particularmente no caso de Caterina. Ela tem dois sonhos lindos: em um deles, sonha com os dentes de um tubarão, os seus aspectos mais corrosivos e que a apavoram; no segundo, imagina que matou o chefe com um coquetel de medicamentos. Além da mentira, na análise é criado um espaço para o ódio, mas especialmente para a brincadeira, com a possibilidade de atenuar aspectos que, em outros momentos, não eram sequer pronunciáveis.

Citando-nos, mais uma vez:

Certas vezes, o marido de Caterina havia tentado enfrentar as falsidades da mulher com assuntos que abordavam a ética, a palavra de honra e o juramento ou, em outras palavras, utilizando uma abordagem superegóica da mentira. Essa é uma tentação à qual, como analistas, devemos resistir, procurando, se possível, orientar-nos a transformar a mentira em brincadeira ou em sonho. Nunca devemos esquecer, com relação à mentira, que *‘fuiri ‘ è briogna ma è sarbamento i vita’*, ou seja, fugir (ou verbalmente mentir) é vergonhoso, mas às vezes pode salvar a vida. A mentira representa, em certos casos, o único refúgio da mente acessível a um paciente (Stella & Ferro, 2019, p. 93).

A mentira, como dizem os napolitanos, faz um remendo!

Eis outra função da mentira, a qual pegamos emprestada de Steiner (1993) e da vitalidade de um povo que, há séculos, vive alegremente nas vizinhanças de um super vulcão ativo, um dos mais perigosos do mundo (os famosos campos Flegrei e, como se não bastasse, em uma cidade suspensa sobre frágeis cavernas de tufo!). Quem sabe todos devessem transferir-se para Turim ou suicidar-se em massa, prevenindo o vulcão? Além disso, como nos lembra Don Giovanni, o mentiroso “não entende de juramentos”. Inútil seria crivá-lo com interpretações mais ou menos inteligentes que, no momento, não significariam nada para ele.

A última coisa que pode ser útil ao mentiroso, conforme afirmamos em *True lies*, é um analista empenhado em desmascará-lo. Essa orientação técnica, qualquer que seja a razão teórica alegada, só faria piorar no paciente a tendência de se justificar, além de gerar perigosos curto circuitos devido à frustração que o interpretar no vazio geraria no analista. Melhor ter como referência o *matador*, que usa as *banderillas* e deixa para recorrer à espada só quando sabe que pode, sem sombra de dúvida, trespassar o touro. Ou seja, o eventual desmascaramento deverá ser total e indefensável, evidente e irrefutável e, possivelmente, desejado e já amadurecido. É também verdade que, devido à tendência do mentiroso de

se confessar (de se deixar descobrir, diria Winnicott, referindo-se ao adolescente antissocial: as mentiras têm pernas curtas, afirma o provérbio!) e de meter-se em confusões por si mesmo, a espera poderia não ser tão longa.

Como analistas, poderíamos encontrar inspiração no comissário Maigret, que sabe esperar o momento oportuno para desferir *com dura piedade* o seu ataque. Isto é, sabe fazer maturar a necessidade do paciente de *denouement*, a necessidade de pacificação do réu, de liberar-se do peso insuportável de suas mentiras, as quais não são mais capazes de defendê-lo.

Um outro aspecto importante no recurso à mentira é o escasso contato com “partes, aspectos, funcionamentos vitais da própria mente que em um certo momento emergiram” (Stella & Ferro, 2019, p. 94). Muitas vezes a mentira surge da falta de contato consigo mesmo, “com as próprias fantasias, com as próprias necessidades e desejos” (*Ibid.*), cuidadosamente evitados porque considerados por demais subversivos. Novamente nos socorre a literatura. Tanto Poppinga, o homem que olhava os trens passarem (Simenon, 1938), quanto o Professor Unrat, o professor lixo (Heinrick Mann, 1905; von Sternberg, 1930), não têm a menor ideia das próprias necessidades, ao menos até certo ponto da sua existência. Ainda mais cego com relação às próprias necessidades é o doutor Alavoine, protagonista de *lettre a mon juge*, de Simenon. Em *True lies*, dedicamos capítulos inteiros a esses casos literários.

Nas declinações variáveis da mentira, aquilo que poderia talvez parecer, argumentávamos em *True lies*, ridículo ou fátuo, se não até mesmo perverso, encontra então uma raiz humana na tentativa de evitar a dor e/ou outras emoções sentidas como intoleráveis.

Piedade, portanto, para o mentiroso, mas também para quem tropeça nesses tipos de personalidade, cujo contato pode ser corrosivo a longo prazo. Em *True lies*, falamos de dois *casais* corroídos pela mentira: um deles era Anita e Carlo e o outro Marco e Vanessa. O mentiroso sempre anda em dupla, precisa sempre de um *sparring partner* (ou mais de um) ou de uma *vítima*. Por outro lado, confiamos na capacidade dos colegas de encontrarem uma confirmação disso na própria experiência clínica, porque aqui não temos espaço para poder documentar adequadamente essa afirmação. Recorremos, para ser mais breves, à literatura. O nobre Athos, o mais trágico dos mosqueteiros, é um herói literário corroído pela mentira, às voltas com Milady, a ex-mulher que o traiu e abandonou, famigerada mentirosa que traz tatuado nos ombros um lírio, marca dos condenados à morte. Idêntico destino é o do visconde de Bragelonne, seu filho, com outra companheira, ela também traidora.

No entanto, a falsidade também é um modo de criar mundos mais habitáveis para tentar

sobreviver em climas ou ambientes, internos e externos, particularmente difíceis. Às vezes assume até um caráter heróico e salvador, como no famosíssimo episódio dos candelabros dos “miseráveis” (Hugo, 1862). O bispo Muriel salva do cárcere Jean Valjean, ladrão por necessidade e por raiva, depois que ele havia roubado todos os seus pertences, dizendo aos guardas que o tinham capturado que o produto do roubo era apenas um presente seu (Stella & Ferro, 2019, p. 104).

Um exemplo cinematográfico de mentira salvadora/atenuante poderia ser encontrado em *Goodbye Lenin*, um filme de Wolfgang Becker, de 2003, em particular no episódio da festa no hospital: o muro finalmente caiu, a Alemanha Oriental não existe mais, mas a mãe doente no hospital precisa iludir-se de que tudo está bem e ainda é como antes, na festinha de estilo socialista mas também familiar, certamente *kitsch*, como as paradas militares *le Trabant* e as verduras em conserva, que o filho e os amigos organizam para ela.

A mentira, ao menos em determinados graus, nos salva de verdades insuportáveis ao pensamento: que possa não existir nada depois desta vida (além do socialismo real!), que vivemos na casualidade mais absoluta, que não sentimos mais amor por pessoas que já amamos muito e por quem sentimos agora só um afeto morno, do qual, segundo o pensamento aristotélico, deveríamos nos afastar.

Todos os mecanismos de defesa, escrevemos em *True Lies*, são, no máximo, graus de mentiras possíveis, onde a verdade, a O, não só é incognoscível, mas muitas vezes é ainda insuportável.

Portanto, embora a verdade como alimento para a mente (Bion) permaneça um ideal irrenunciável da psicanálise (Freud), não devemos relegar à cozinha, reduzindo-a a uma mera ajudante, a sua mais ambígua irmã gêmea: a mentira! Não devemos fazê-lo porque assim negaríamos a sua importância psíquica, que é extraordinária. Embora em geral seja verdade que a análise aporte ao paciente (e também ao analista) um pouco ou tanto de verdade a mais (podemos chamá-la de maturação ou de integração ou de qualquer outro modo que nos pareça pertinente), às vezes pode ocorrer que o sentido da análise seja uma recuperação, como já dizíamos, de alguma capacidade de mentir, de evitar identificações malignas com objetos internos implacáveis e sádicos, com um superego que não dá trégua ou com algum outro aspecto bloqueador do psiquismo. Recuperação no sonho e na vida de desejos e sonhos não sonhados e oclusos? Recuperação da capacidade de

brincar (e, portanto, de mentir! De trapacear um pouco, como a bisavó de um de nós, morta ainda jovem, que, no seu testamento, pedia simpaticamente perdão por ter às vezes colocado um pouco de água no vinho que oferecia aos hóspedes!). Precisamos sempre encontrar um equilíbrio entre *fairness* e *unfairness* nas lutas que combatemos, pois, do contrário, permanecemos meninos; não podemos sequer ter a esperança de sair de casa.

Esperamos que o leitor nos permita concluir esta contribuição com dois finais: um mais leve e o outro mais sério. Em um registro mais leve, de *vaudeville*, gostaríamos de lembrar, a título de exemplos evocativos da relação complexa entre mentira e verdade, três (quatro) duplas de personagens dos desenhos animados, certamente conhecidos do leitor: 1) o doutor Doofenschmirtz (que, em um memorável capítulo da série Phinneas e Pherbe, se lança, ao ritmo do tchatchatcha, em uma divertida mas igualmente séria e apaixonada apologia da mentira, acompanhado por bailarinas que lembram o corpo de baile do *Moulin Rouge*) é a inseparável contraparte de Perry, o ornitorrinco. Cada um deles é, de alguma maneira, a nêmesis do outro. O doutor fala (demais), mas o ornitorrinco, o agente secreto P., membro de uma *organização sem um acrônimo decente*, não fala nada. Emite sons pouco compreensíveis como o oráculo de Delfos, embora sempre ganhe, como Bip Bip, a avestruz do engenhoso ainda que desventurado Coiote. Analogamente, o menino/esquilo Alvin, moleque, mentiroso e vaidoso, é a nêmesis de Simon (o irmão mais velho, *de poucos segundos*, culto e genial, mas, às vezes, meio sabichão). A terceira dupla *esquisita* (extravagante) é a dos irmãozinhos Simpson, Bart, politicamente incorreto, mas muito vital, e Liza, cheia de qualidades, mas fora do ar, versão atualizada, mas igualmente polarizada, da dupla de pais (Homer e Margie).

Vamos, agora, à conclusão mais séria.

Em 1809, no Teatro San Moise de Veneza, o músico napolitano Carlo Coccia, valente contemporâneo de Rossini, apresentava uma farsa musicada intitulada *a verdade na mentira*. Valor musical à parte (não irrelevante, de qualquer forma), talvez não exista melhor título para representar o nosso ponto de vista sobre a estranha dupla verdade/mentira. O outro título poderia ter sido *a mentira na verdade* (em nossa pesquisa também tratamos um pouco disso. Um jornal italiano, fundado há pouco e não exatamente imparcial, traz inclusive no título uma forte menção à verdade, embora – potência do inconsciente – contenha no logotipo uma referência mais dubitativa ao Evangelho de João: *Quid est veritas?*). Em um trabalho para a *Revue Française de Psychoanalyse*, brincando, exortávamos Pinocchio a parar de mentir, a não contar mais mentiras, mas é bom esclarecermos logo que pretender que Pinocchio acolha esse pedido seria como tentar fazer com

que um cachorro parasse de latir (ou, pior, que ficasse ereto sobre as pernas!⁴). Em seguida, pensamos em *True lies*, um filme muito divertido de James Cameron (1994), com Arnold Schwarzenegger e Jamie Lee Curtis, a Baronesa Haden-Guest (ficamos sabendo agora).

Quem conhece a verdade verdadeira? – pergunta-se Lasieviskyi, o protagonista de *O duelo* (1891), um dos melhores contos do médico e escritor Anton Tchekhov (como sabemos, capaz de grande sutileza clínica não só no teatro). É uma pergunta de fundo até mesmo para o psicanalista que abdica do espírito psicanalítico quando pretende saber coisas que absolutamente não sabe ou quando pretende do paciente a verdade (em 2008, Claudio Neri falou de arrogância, assim como falou também de um uso mistificatório da verdade). As nossas teorias não são verdades absolutas, são – no máximo – modelos que podem explicar aproximativamente os fenômenos que observamos (mas podemos observar fenômenos na análise? Se sim, quais?). No nosso *True lies*, conjecturamos que o psicanalista deveria fazer, junto com um luto da realidade (abrindo mão de compreender ou, ainda, apenas de reconstruir verdades históricas que são inacessíveis, porém com a vantagem de poder focar no aqui e agora e no campo intersubjetivo/ intersíquico que ele ajuda o paciente a construir), também um luto da verdade, tão escorregadia e inacessível, até prova em contrário, quanto a própria realidade em si. □

Abstract

Contribution to a psychoanalytic theory of the lie

Lies, little edifying aspect of psychism and immense obstacle to treatment, is at the same time a psychological capacity *in search of a thinker*. A refuge of the mind. A mental function with a gradient. An element of psychic vitality (Ogden). A possible achievement of the analysis.

Keywords: *Homo fraudolens*; Polysemy of lies; Ogden; Winnicott; Bion; Lie as an anti-depressive bulwark; Degeneration of the truth; Lie techniques; Reparative function of lies

⁴ N.T.: O autor joga com as palavras da expressão original *raddrizzare le gambe ai cani* (literalmente, *endireitar as pernas dos cachorros*), que significa *pretender mudar algo que é imutável*.

Resumen

Contribución a una teoría psicoanalítica de la mentira

La mentira, un aspecto poco edificante del psiquismo y un obstáculo formidable para el tratamiento, es también al mismo tiempo una capacidad psicológica *en busca de un pensador*. Un refugio de la mente. Una función mental con un gradiente. Un elemento de vitalidad psíquica (Ogden). Una posible conquista del análisis.

Palabras clave: *Homo fraudolens*; Polisemia de la mentira; Ogden; Winnicott; Bion; Mentira como una baluarte antidepresiva; Degeneración de la verdad; Técnicas de mentira; Función reparadora de la mentira

Referências

- Abraham, K. (1925). Storia di un impostore alla luce della conoscenza psicoanalitica. In *Opere*, vol. I, Torino: Boringhieri, pp. 156-169.
- Alighieri, D. (1315). *La divina commedia*. Milano: Mondadori, 2015.
- Allen., W. (2005). *Match point*. (Film, dramma). Stati Uniti/ Regno Unito, 125 minuti.
- Becker, W. (2003). *Good bye, Lenin!* (Film, dramma). Berlino: 121 minuti.
- Bion, W. R. (1970). *Attenzione e interpretazione*. Roma: Armando, 1973.
- Boccaccio, G. (1349-1351). *Decameron*. Firenze: Sansoni, 1966.
- Cameron, J. (1994). *True lies* (Film, commedia). Stati Uniti: 141 minuti.
- Chaucer, S. (1387). I racconti di Canterbury (dopo il 1390). Milano: Mondadori, 2018
- Civitarese, G. (2011). *La violenza delle emozioni*, Milano: Cortina.
- Coccia, C. (1809). La verità nella bugia, farsa giocosa per musica (libretto di Giuseppe Maria Foppa). Venezia.
- Dumas, A. (1844). *Les trois Mosquetaires*. Torino : Einaudi, 2017.
- Fellini, F. (1962). *Boccaccio '70* (Film, commedia). Italia, 150 minuti.
- Ferro, A. & Stella, G. (2015). Pinocchio ne dites- pas de mensonges. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(1) : 144-158.
- Ferro, A. (2014). Nuotare fino alla regola fondamentale. In *Le viscere della mente: Sillabario emotivo e narrazioni*. Milano: Cortina.
- Golgoni, C. (1735). *Don Giovanni Tenorio*. Avellino : Sinestesie, 2016.
- Kernberg, O. (2011). Divergent contemporary trends in psychoanalytic theory. *The Psychoanal Review*, 98: 633-664.
- Kierkegaard, S. (1843). *Il diario del seduttore*. Milano : Rizzoli, 2005.

- Kurosawa, A. (1950). *Rashomon* (Film, dramma). Giappone, 88 minuti.
- Kurosawa, A. (1980). *Kagemusha* (Film, dramma). Giappone, 179 minuti. (No Brasil: Kagemusha, a Sombra do Samurai).
- Mann, H. (1905). *Professor Unrat*. Milano: Mondadori, 1991.
- Molière (Jean-Baptiste Poquelin) (1665). *Le festin de Pierre*. Torino : Einaudi, 1966.
- Mozart, W. A. (1787). *Don Giovanni*, *Opera lirica K. 527*. (libretto di Da Ponte).
- Neri, C. (2008). La verità come fattore terapeuta. *Funzione Gamma Journal- Verità e evoluzione di O nell'opera di Bion, 19*. Recuperato da <http://www.funzionegamma.it/la-verita-come-fattore-terapeutico-2/>
- Ogden, T. (2014). Fear of breakdown and the unlived life. *Int. J. Psychoanal.*, 95: 205-223.
- Ogden, T. (2016). Destruction reconceived: On Winnicott's 'The Use of an Object and Relating through Identifications'. *Int J Psychoanal* 97(5): 1243-1262.
- Omero. (VII secolo). *Odissea*. Torino: Einaudi, 1967.
- Pirandello, L. (1905). *Il fu mattia Pascal*. Milano : Mondadori, 2016.
- Pirandello, L. (1925). *Uno nessuno, centomila*. Milano : Feltrinelli, 2013.
- Publio Terenzio, Afro. (165 a.c.). *Il punitore di se stesso*. Milano : Rizzoli, 1990.
- Pushkin. A. S. (1839). *Il convitato di pietra*. Torino : Einaudi, 2006.
- Quasimodo, S. (1944). Archiloco. Frammento n. 5. In *Lirici greci*. Milano: Mondadori.
- Rado, S. (1956). *Psychoanalysis of behavior: collected papers*. New York: Grune & Stratton.
- Salinger, J. (1951). *Il giovane Holden*. Torino : Einaudi, 1961.
- Simenon, G. (1938). *L'uomo che vedeva passare i treni*. Milano: Mondadori, 1952.
- Steiner, J. (1993). *I rifugi della mente*. Torino: Bollati Boringhieri, 1996.
- Stella, G. & Ferro, A. (2019). *True lies. Un'apologia della menzogna*. Milano: Mimesis.
- Sternberg, J. von (1930). *Der Blaue Engel* (Film, dramma, musicale). Ungheria: 1:44 minuti.
- Strauss, R. (1888). *Don Juan*. Poema sinfonico.
- Tchekhov, A. (1891). *Il duello e altri racconti*. Torino: Einaudi, 1974.
- Twain, M. (1876). *Le avventure di Tom Sawyer*. Milano : Rizzoli, 1979.

Recebido em 20/11/2018

Aceito em 12/12/2018

Tradução de **Susana Termignoni**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Antonino Ferro

Via Cavour 14

Pavia – Italia

e-mail: ninoferro3@gmail.com

Giovanni G. Stella

Viale Sabotino, 13 Milano – Italia

e-mail: giovannistella@libero.it

© *Antonino Ferro*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA